

Cachoeira do Sul

VAMOS CONHECER?

Antoniela A'Costa Rodrigues



Cachoeira do Sul

VAMOS CONHECER?

Antoniela A'Costa Rodrigues

Cachoeira do Sul: vamos conhecer? © 2026 por Antonielli A'Costa Rodrigues. Utiliza a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desse trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Revisão ortográfica por Vinicius Soares dos Santos.

Cachoeira do Sul, setembro de 2026.

Capa: Rua Sete de Setembro na década de 1920. Fotografia do acervo do Museu Municipal, Cachoeira do Sul.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R696c

Rodrigues, Antonielli A'Costa.
Cachoeira do Sul [livro eletrônico] : vamos conhecer? /
Antoniela A'Costa Rodrigues. – 1. ed. – Cachoeira do Sul, RS:
Sarita Livros, 2026.
63 p. : il. color.

Formato: PDF.
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-86008-53-1

1. Cachoeira do Sul (RS) – História. 2. Patrimônio histórico –
Cachoeira do Sul (RS). 3. Educação – Material de apoio. I. Título.

CDD 981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Este trabalho foi originalmente desenvolvido junto ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, núcleo da Universidade Federal de Santa Maria, ofertado em rede nacional. Sua realização foi possível graças ao fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - CAPES.





SUMÁRIO

6

APRESENTAÇÃO

Comece a desvendar a história de Cachoeira do Sul

8

LOCALIZANDO CACHOEIRA DO SUL

De onde surgiu esse nome, afinal?

10

OS PRIMEIROS TEMPOS

Quem é o povo cachoeirense? Descubra!

24

CACHOEIRA DO SUL NO SÉCULO XIX

Época movimentada para a Princesa do Jacuí!

36

HERANÇA ESCRAVISTA EM CACHOEIRA

Um passado para honrar e ser lembrado

49

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

As fontes de pesquisa

50

AOS PROFESSORES

Atividades e reflexões, de mestre para mestre

APRESENTAÇÃO

Você está diante do primeiro livro escrito sobre a história de Cachoeira do Sul que foi pensado especialmente para ser usado por estudantes e professores, dentro e fora da sala de aula.

Nas próximas páginas você encontrará uma proposta de estudar História de um jeito diferente: a partir dos testemunhos do passado que estão bem aqui, ao nosso redor, que são os nossos patrimônios histórico e cultural.

Queremos que todos conheçam mais sobre a história do lugar onde moram e das pessoas que ali habitaram antes delas. Isso faz parte de nossas próprias vidas!

Mas como faremos isso?



Diferentes tomadas do rio Jacuí. Fotografias de Antonielli A'Costa, 2018.



Ponte-barragem do Fandango sobre o rio Jacuí. Fotografia de Cristiano Pontes Dias, 2026.

Queremos tirar a história de nossa cidade das páginas dos livros e trazer para o nosso cotidiano. A ideia aqui é aprender a observar a paisagem da cidade ao nosso redor com outros olhos, questionando e interpretando o mundo.

Precisamos perceber como os acontecimentos e a sociedade do passado ajudaram a criar a realidade em que vivemos hoje, agora. Dessa forma, é possível construirmos um futuro melhor para nós mesmos. Os vestígios estão por toda parte, é preciso estar atento! Essa história pertence a todos nós.

A História aprisionada dentro de livros, muitas vezes, acaba esquecida e perdendo seu significado para o seu povo. O conhecimento deve retornar para a comunidade, pois quem conhece, valoriza e preserva. Vamos juntos?

Boa leitura!

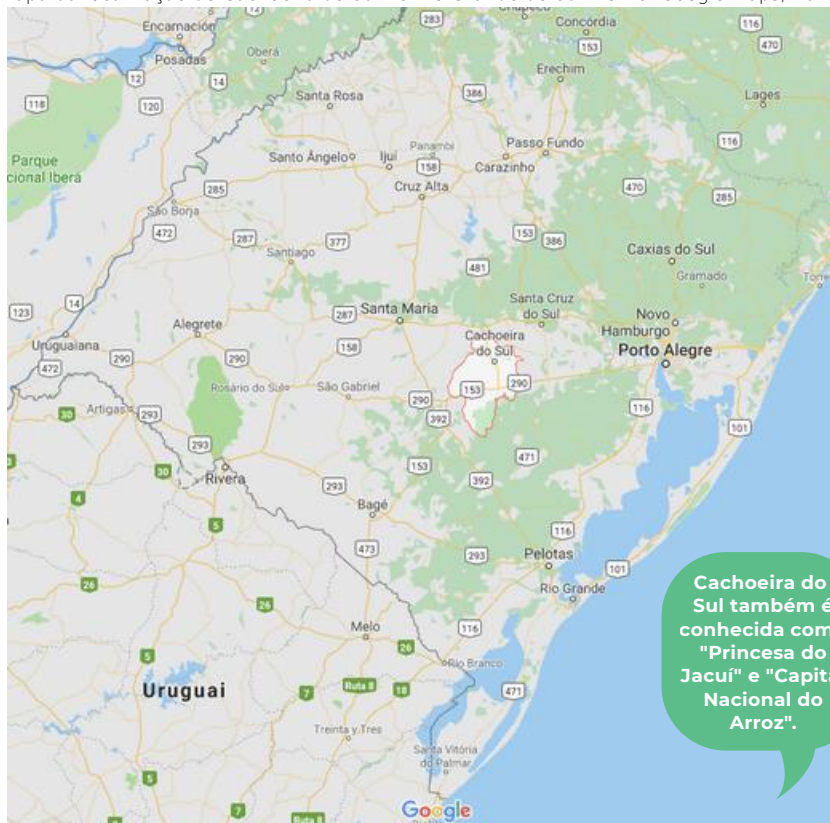
A autora

LOCALIZANDO CACHOEIRA DO SUL

Cachoeira do Sul está situada na região central do Rio Grande do Sul, às margens do **rio Jacuí**. Localiza-se a 199 quilômetros de distância rodoviária da capital estadual, Porto Alegre. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2022, o município abriga **80.070 habitantes**.

A cidade recebeu esse nome por causa das pequenas **quedas d'água** que existiam no rio Jacuí, antes da construção da ponte-barragem do Fandango.

Mapa da localização de Cachoeira do Sul no Rio Grande do Sul. Fonte: Google Maps, 2019





Cachoeira do Fandango. Fonte: acervo do Museu Municipal, sem data.

Desde o início de sua ocupação, a cidade recebeu **diversos nomes**. Capela de São Nicolau, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, Vila Nova de São João da Cachoeira... Foi no século XIX que seu nome acabou sendo simplificado para apenas **Cachoeira**, como já era conhecida popularmente.

Foi no ano de 1944 que a cidade trocou de nome pela última vez. Foi acrescentado "do Sul" ao nome do município, tornando-se Cachoeira do Sul. Isso ocorreu através do Decreto-lei estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944.



Porém, já há algum tempo o município não possuía as quedas d'água que lhe deram nome. Isso porque elas impediam a **navegação** do rio Jacuí para além da cidade de Cachoeira, pois na região existia um banco de pedras. As autoridades locais não mediram esforços, desde o começo do século XX, para "melhorar" o local.

Esse processo terminou com a conclusão da obra de construção da **ponte-barragem do Fandango** em 1961, exatamente no lugar onde se encontravam as cachoeiras.

OS PRIMEIROS TEMPOS

Cachoeira do Sul completou, em 2020, dois séculos desde sua **emancipação** de Rio Pardo. Foi em 8 de agosto de 1820 que o povoado tornou-se uma cidade, por ordem do rei Dom João VI. Nessa época, o Brasil fazia parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; então, não era um país independente como nós conhecemos hoje.

No entanto, a história cachoeirense começou muito antes. Pesquisadores já descobriram que a ocupação oficial dessa região começou na década de 1750, depois que Portugal e Espanha assinaram um documento chamado **Tratado de Madrid**.

Os dois reinos europeus brigavam muito por terras do sul da América, e esse tratado procurou determinar quem ficava com o quê, evitando mais guerras: a Espanha passava a dominar um ponto estratégico chamado Colônia de Sacramento, onde hoje é o Uruguai. Portugal ficaria com uma região chamada **Sete Povos das Missões**, no noroeste gaúcho.

É claro que em nenhum momento os europeus se preocuparam em perguntar às pessoas que já viviam por lá se concordavam com isso.

Só depois desse acordo é que as autoridades portuguesas começaram a se preocupar em colonizar a região do Rio Grande do Sul, incluindo onde hoje está Cachoeira, para que os espanhóis não a invadissem. Dessa tarefa ficou encarregado **Gomes Freire de Andrade**, embaixador e representante de Portugal.



FIQUE DE OLHO!

Emancipar significa tornar livre e independente - pode ser uma pessoa ou região.

Sesmarias eram terrenos desocupados que o governo português doava para quem se comprometesse a cultivá-los e povoá-los. Em troca, o sesmeiro entregava uma parte do rendimento das terras ao governo.

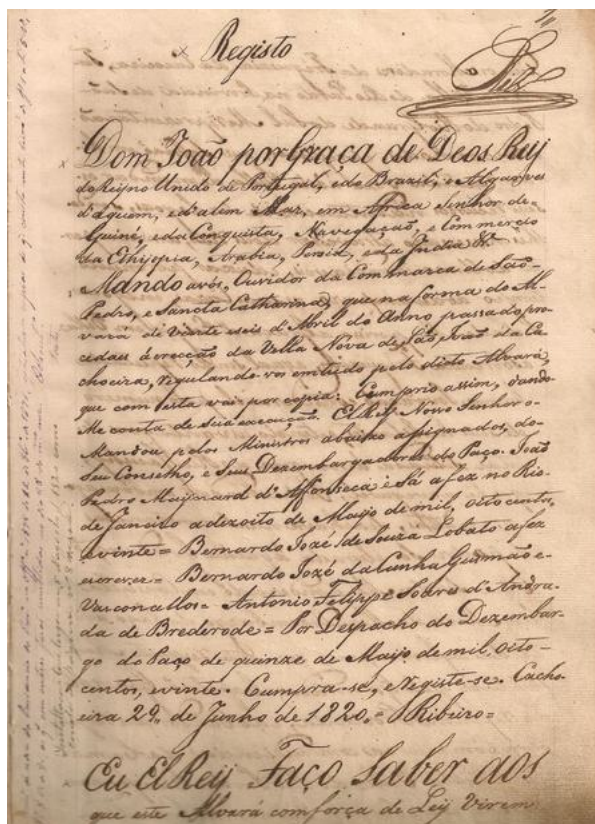


Foram distribuídas inúmeras porções de terras entre militares vindos de São Paulo. Essas porções mediam cerca de 13 mil hectares, e eram chamadas de **sesmarias**. Esses homens formaram as primeiras estâncias da região, reunindo e criando gado xucro que vivia solto por aquelas bandas.

Entre os **primeiros estancieiros das terras de Cachoeira** estavam: Antônio Gomes de Campos, Alexandre Luiz de Queiroz e Vasconcelos, Manoel Gomes Porto e Manuel Carvalho da Silva.

Gomes Freire de Andrade também ficou responsável por instalar em terras missioneiras, que se tornaram portuguesas, **casais vindos do Arquipélago dos Açores**. O povo dessas ilhas portuguesas sofria com excesso de população, entre muitos outros problemas, e a saída que o império português encontrou foi enviá-los para ocupar o Brasil.

Só que a Coroa portuguesa não contava com um imprevisto: milhares de indígenas, habitantes dos Sete Povos há muito tempo, **se recusaram** a abandonar suas terras. Muitos padres jesuítas, que fundaram as Missões e viviam nelas, também não aceitaram sair, e a situação começou a se complicar.



Alvará de criação da Vila Nova de São João da Cachoeira, assinado pelo rei Dom João VI em 26 de abril de 1819. Acervo do Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul.

Porém, os casais açorianos já haviam chegado ao Rio Grande do Sul. Sem poder ir para as Missões, eles acabaram se espalhando por vários povoados que já existiam às margens do rio Jacuí. Em Cachoeira, documentos indicam que os **primeiros açorianos** chegaram em 1753, trabalhando como agricultores e criando animais.

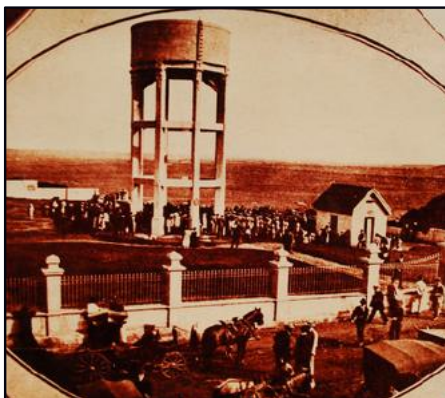
Esse impasse resultou na **Guerra Guaranítica** (1753-1756), conflito no qual tropas portuguesas e espanholas se uniram para enfrentar os nativos. Foi um verdadeiro massacre, que só acabou com a morte do líder indígena **Sepé Tiaraju**. Hoje ele é considerado um herói gaúcho.



Detalhe do Memorial da Epopeia Riograndense, Missioneira e Farroupilha, de Danúbio Gonçalves. Painel em azulejos com 3x16,5m. Praça Revolução Farroupilha, Porto Alegre, RS, 2008.

Com o fim da guerra, Freire de Andrade levou para a região de Cachoeira um grupo de **indígenas vindos das Missões**, sobreviventes da guerra, e eles foram instalados perto do rio Botucaraí.

Mais tarde, em 1769, o governador da Província, José Marcelino de Figueiredo, ordenou que os indígenas fossem transferidos para terras à margem esquerda do rio Jacuí, no **Passo do Fandango**. Neste lugar, os gentios construíram uma **capela** para homenagear seu santo católico de devoção, São Nicolau. O sítio ficou conhecido, por causa deles, como **Aldeia**.



Prédio do primeiro hospital de Cachoeira, inaugurado em 1910.
Fotografia de Alfredo R. da Costa, 1922.

Primeira hidráulica municipal da cidade, em registro do dia de sua inauguração, em 1921. Acervo do Museu Municipal.

Séculos mais tarde, nesse mesmo local de Cachoeira do Sul, situa-se um bairro chamado de **Aldeia**, em memória dessa época e dessas pessoas que lá viveram. Por lá podemos encontrar vários **prédios históricos**, erguidos em diferentes fases da ocupação da cidade, especialmente de seus primeiros tempos.

Entre eles estão: a Casa da Aldeia, o primeiro hospital, a primeira hidráulica municipal, o Cemitério das Irmandades, entre outras.



Chafariz da primeira hidráulica, na praça Itororó, com o antigo Cemitério da Aldeia ao fundo. Fotografia de Antonieta A'Costa Rodrigues, 2020.



A Casa da Aldeia foi a primeira casa particular com pedido formal de construção em Cachoeira de que se tem notícia. Documentos do acervo do Arquivo Histórico trazem a informação de que a licença para sua construção foi requerida em 1849.

O pedido foi feito pelo proprietário do terreno, o português Manoel Francisco Cardozo. Ele era casado com uma índia guarani chamada Joaquina Maria de São José.

A casa foi **tombada** em 2005, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE). Esse órgão é responsável por **zelar** pela conservação do patrimônio gaúcho.

Essa casa é um importante exemplar arquitetônico que traz muitas pistas sobre as relações entre portugueses e índios, em terras cachoeirenses. Infelizmente, hoje encontra-se em muito mau estado, praticamente em ruínas.



No sentido horário: A casa da Aldeia em meados de 1970, ainda razoavelmente conservada. Abaixo, à direita, já em estado precário, em 2003. À esquerda, uma imagem de 2020 mostra as condições atuais do prédio, coberto por uma estrutura de ferro e isolado da rua por tapumes de madeira. Fotografias 1 e 2: acervo do Museu Municipal. Fotografia 3: Antonielli A'Costa Rodrigues.



Mas como assim, "a casa foi tombada"? O que isso quer dizer?



Como é comum na língua portuguesa, a palavra tombamento possui mais de um significado. Podemos usá-la para falar em um tombo, quando uma pessoa ou objeto cai ou é derrubado. E também se chama de **tombamento** o processo pelo qual se faz um registro formal de um edifício ou elemento cultural, considerando que seja relevante para seu povo. Essa importância pode ser *histórica*, *cultural* ou *paisagística*. O registro assegura que o bem tombado seja **protegido** por leis específicas.

Por exemplo: a Casa da Aldeia é tombada. Logo, existem leis que determinam como podem ser feitas restaurações na construção dela. **A ideia é evitar que o lugar (ou objeto) perca as características que fizeram com que ele fosse tombado.**

Além dos prédios, outras coisas podem ser tombadas. A **roda de capoeira**, por exemplo, é considerada parte fundamental da cultura brasileira. Por isso, foi tombada pelo IPHAN no Brasil, em 2008, e pela UNESCO, em 2014.



Tombamento, charge do
artista Ronald Martins, 2006.

Os açorianos acabaram se estabelecendo em diversos povoados, localizados ao longo das margens do rio Jacuí. Os **rios** eram importantes **meios de transporte** em solo sul-riograndense nesse período.



Entenda melhor

	1760	1779	1820
COMO ERA	CAPELA	FREGUESIA	VILA
HOJE SERIA	PEQUENO POVOADO	DISTRITO	MUNICÍPIO

Alguns desses casais açorianos ficaram por lá mesmo, com o fim da Guerra Guaranítica, porque já tinham fixado residência. Em Cachoeira, sabe-se que a chegada dos primeiros açorianos ocorreu em 1753, e que ali se dedicaram inicialmente a atividades como agricultura e pecuária, em pequenas propriedades rurais.

Nessa época, ainda não existia a divisão política brasileira atual em municípios, distritos, etc. Por ser um reino católico romano, Portugal dividia suas colônias de acordo com a organização administrativa da **Igreja Católica**. Para entender melhor como isso funcionava, observe a tabela nesta página.

Sendo assim, o pequeno povoado que era Cachoeira se chamava **Capela de São Nicolau** desde 1760. Em 1779 passou a **Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira**.

Mapa da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, em 1809. Nesse período, Cachoeira do Sul era apenas uma freguesia da Vila de Rio Pardo. Fonte: acervo do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul.



Saiba mais

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos era uma associação religiosa que existia na Europa desde o século XIII, e que foi trazida pelos portugueses quando começaram a dominar o Brasil. Criada para ser um espaço onde o povo negro pudesse praticar a religião católica, já que, durante a escravidão, eles eram proibidos de frequentar as mesmas igrejas das pessoas brancas. Em Rio Pardo, a irmandade foi fundada em 1774; em Cachoeira, ela surgiu em 1812.



Alguns anos mais tarde, em 1793, foi lançada a pedra fundamental da construção do edifício que hoje é o mais antigo da cidade: a **Igreja Matriz**. A tarefa de erguê-la ficou a cargo das Irmandades Conjuntas de Nossa Senhora da Conceição e do Santíssimo Sacramento. Em 1799 ela foi inaugurada.

A Igreja foi construída graças à mão de obra dos **indígenas** e dos **negros**. Os indígenas eram contratados de uma **olaria**, que foi instalada na cidade com o objetivo de fabricar os tijolos que seriam usados para levantar a igreja. Eles eram trabalhadores da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição.

Aspecto original da fachada da Igreja Matriz, hoje Catedral Nossa Senhora da Conceição. Ela foi erguida no mesmo estilo de outras igrejas brasileiras do período colonial. Acervo do Museu Municipal, c. 1910.



Já os negros que com sua força de trabalho ergueram a Igreja Matriz eram membros da **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos**. Por realizarem essa tarefa, foi destinada a eles uma ala separada dentro do Cemitério da Aldeia, para sepultamentos de membros da irmandade.

Aspecto atual da Catedral. Fotografia de Antonielli A'Costa Rodrigues, 2020.



A **Igreja Matriz** foi palco de muitos momentos importantes na história da cidade. Nela celebravam-se festas e conquistas, eram realizadas atividades políticas e enteravam-se em suas paredes os corpos de cidadãos de destaque na sociedade, como era o hábito naquela época.

Um acontecimento chama a atenção entre os demais: o **esfaqueamento** do comendador **Antonio Vicente da Fontoura** no púlpito da igreja, em plena eleição para vereadores e juízes de paz, em 8 de setembro de 1860. O crime foi cometido por um homem negro liberto, de nome **Manoel Pequeno**, por motivos políticos, envolvendo líderes locais.

Fontoura era uma figura importante da sociedade cachoeirense, homem de posses e grande senhor de escravos. Ele não resistiu aos ferimentos e acabou falecendo cerca de 40 dias depois.

Brasão da cidade de Cachoeira do Sul, um dos símbolos oficiais do município, produzido e adotado a partir de 1959. Além da Catedral, quais outros elementos da cultura cachoeirense você consegue identificar no brasão?

A atual aparência da igreja está **muito diferente** de seus primeiros tempos. Várias reformas foram feitas ao longo de seus 220 anos, e acabaram por modificar bastante o prédio. De todo o seu interior original, que era riquíssimo, apenas o altar da Capela do Santíssimo não sofreu modificações.

Hoje, a Catedral Nossa Senhora da Conceição é um **patrimônio histórico** de grande destaque em Cachoeira do Sul — e até ilustra o brasão municipal, criado em 1959 por Geraldo da Silva Chaves.

Desde 1985 o templo católico é tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Cachoeira do Sul (**COMPAHC**), órgão municipal responsável por ações ligadas ao patrimônio local.





Pórtico do antigo Cemitério da Aldeia. Fotografia de Antonia A'Costa Rodrigues, 2020.

Os **sepultamentos** no interior das paredes da Igreja Matriz só deixaram de acontecer em 1832, mesmo que desde 1823 houvesse uma lei proibindo essa prática, porque oferecia sérios riscos à saúde pública.

A partir de janeiro de 1833 os enterros católicos passaram a ser realizados pelo vigário da freguesia, padre Ignácio Francisco Xavier dos Santos, no **Cemitério da Aldeia**.

Esse cemitério é o mesmo que existe até hoje nas proximidades do Hospital de Caridade e Beneficência, chamado de **Cemitério das Irmandades**. Leva esse nome porque é administrado conjuntamente pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição.

O lugar foi escolhido pelas autoridades por acreditarem que ficava longe o bastante do núcleo do povoado. Buscavam evitar possíveis contatos com doenças como cólera e tifo, comuns na época, que eram altamente contagiosas e geralmente fatais.

Porém, não demorou para que o crescimento do povoado engolisse o cemitério, localizado junto ao bairro da Aldeia. Crescendo também a população, logo foi necessário delimitar um novo cemitério. O antigo foi erguido junto às barrancas do rio Jacuí; por isso, não havia para onde se expandir.

Em 1891 foi inaugurado o **Cemitério Municipal**. Felisberto Machado de Carvalho Ourique foi o primeiro sepultado. Ele foi uma personalidade cachoeirense que participou da Revolução Farroupilha.

É possível visitar o **monumento funerário** construído em homenagem a ele, bem como as sepulturas de outras personalidades cachoeirenses.

Desta vez, sim, o novo cemitério estava bastante distante do centro da vila de Cachoeira. No entanto, com o passar do tempo, ele também acabou sendo incorporado ao centro urbano pelo rápido **crescimento** do município.



Pórtico do Cemitério Municipal, de 1891.
Fotografia de Antonia A'Costa Rodrigues, 2020.





O que é patrimônio?



Falar em *patrimônio* pode significar muitas coisas. Essa palavra muitas vezes aparece para se referir ao conjunto de bens que pertencem a uma pessoa, a uma família ou a uma empresa, como imóveis, veículos, objetos, enfim, coisas consideradas valiosas.

Mas também pode nomear o **conjunto de bens que são considerados como parte da história e da cultura de um lugar ou de um povo**. Existem quatro categorias de bens patrimoniais.

Acompanhe:

- **Patrimônio imóvel:** são casas, prédios, terrenos, sítio histórico... ou seja, tudo aquilo que se encontra fixo em um determinado lugar, do qual não pode ser retirado e levado pra outro espaço.
- **Patrimônio móvel:** são objetos diversos, como carros, livros, mobília, roupas, dinheiro, documentos, mapas, fotografias, cartas, etc.
- **Patrimônio material ou tangível:** tudo aquilo que existe de forma física, que pode ser tocado: construções, objetos e assim por diante.
- **Patrimônio imaterial ou intangível:** são coisas que possuem valor mas que não podem ser tocadas, pois não possuem forma física. Exemplos: as músicas, uma festa tradicional, o nome de uma marca, uma rede social famosa na internet, um dialeto de um povo, etc.



Saiba mais

O patrimônio pode ser natural (como parques nacionais, reservas de biodiversidade) ou cultural (manuscritos, idiomas, edifícios...).

Chamamos de Patrimônio Cultural um conjunto de bens que são considerados importantes para um grupo de pessoas que acreditam possuir características em comum entre si.

Por exemplo: os festejos da Semana Farroupilha fazem parte do patrimônio cultural entre os gaúchos; o Carnaval é considerado patrimônio cultural do Brasil; e assim por diante.

Quem organiza tudo isso?

É importante você saber que foram criados **órgãos públicos** responsáveis por decidir o que deve ser considerado patrimônio cultural. Para isso, estabelecem leis e cuidados que se deve ter com esses bens:

1. **IPHAN:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937 para proteger tudo o que fosse considerado patrimônio brasileiro;
2. **IPHAE:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, é o órgão estadual encarregado de cuidar do patrimônio do Rio Grande do Sul;
3. **COMPAHC:** Conselho Municipal do Patrimônio Histórico-Cultural, criado em Cachoeira do Sul em 1981 para auxiliar a prefeitura nos cuidados com questões ligadas ao patrimônio do município.

Hoje a **população** também pode se **mobilizar** para **reivindicar o tombamento** de bens que considerar como seus patrimônios culturais e que ainda não são protegidos.



EXERCITANDO O CONHECIMENTO

1. Vamos lembrar algumas palavras importantes que aprendemos até aqui? Procure e enlace no caça-palavras abaixo. Depois, escreva os significados delas no seu caderno, usando suas próprias palavras.



2. Leia a tirinha abaixo, onde Armandinho fala com um adulto:



Fonte: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1413721405339828>>. Acesso em 27 jan. 2020.

- Qual dos personagens está certo, quando falamos sobre o cuidado que deve existir com o patrimônio cultural? Justifique.
- Na sua opinião, o que deveria ser tombado na sua cidade, por possuir valor histórico ou cultural, e ainda não é? Por quê? Anote no caderno e troque ideias com seus colegas.
- Em dupla com um colega, elabore um cartaz defendendo o bem patrimonial que você escolheu. Coloque um desenho ou foto e os motivos a favor do tombamento.

CACHOEIRA DO SUL NO SÉCULO XIX

O povoado cresceu ao longo das décadas, e foi elevado à categoria de vila em 1819, através de alvará régio emitido pelo rei Dom João VI em 26 de abril, separando-se de Rio Pardo. Esse documento está hoje no Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul, e você pode ver uma foto dele na página 11.

Foi o **primeiro município gaúcho a passar por esse processo**, e se tornou a quinta cidade criada no Rio Grande do Sul.

Recebeu o nome de **Vila Nova de São João da Cachoeira** em homenagem ao rei.

A emancipação aconteceu principalmente por causa da ótima localização geográfica de Cachoeira, onde passavam tropeiros e viajantes, e isso ajudava a economia.

A instalação da vila, porém, só aconteceu mesmo mais de um ano depois, em **5 de agosto de 1820**. Essa data é considerada a **fundação oficial da cidade**, quando se comemora seu **aniversário**.



Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1822, elaborado por João C. Campomar Jr. em 1942.

Observe que Cachoeira ocupa uma grande porção do território gaúcho nessa época.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Cachoeira do Sul, na época da proclamação da independência do Brasil em relação a Portugal (1822), ocupava praticamente toda a metade oeste do estado. Toda essa vastidão territorial fez com que a cidade desse origem a vários outros municípios, ao longo dos séculos XIX e XX. Sua história está entrelaçada com a **formação** do Rio Grande do Sul.

A cidade também acabou se envolvendo na **Revolução Farroupilha** (1835-1845). Isso ocorreu devido, principalmente, à sua **posição central** na província, entre os grupos envolvidos no confronto.

Participaram dessa guerra **cachoeirenses** que ocuparam papéis importantes na Revolução, como

Antônio Vicente da Fontoura (responsável pela negociação de paz com o Império brasileiro) e o general **Bento Martins de Menezes**, importante liderança farrapa.

Os anos da revolução prejudicaram o crescimento econômico de Cachoeira, diminuindo a arrecadação de tributos.



Porém, poucos anos após o fim do conflito, a cidade já recebia atenção do governo provincial, e também recursos para a realização de melhorias.

Marco do sesquicentenário da Revolução Farroupilha na Estância do Lageado, atualmente propriedade da família Figueiró.

Fotografia de Renato Thomsen, 2012.

Fonte: blog História de Cachoeira do Sul.
<https://historiadecachoeira.dosul.blogspot.com/>
Acesso em agosto de 2026.



Os dez anos que duraram a revolução prejudicaram o crescimento econômico de Cachoeira, diminuindo a arrecadação de tributos. Porém, poucos anos após o fim do conflito, o município já recebia atenção do governo provincial, e também recursos para a realização de melhorias.

Uma das melhorias foi a construção de uma **ponte de pedra** no **Passo Real do Botucaraí**, concluída em 1848, após o fim da guerra civil. Foi a **primeira ponte desse tipo erguida na província**. Por muito tempo ela serviu como a principal ligação entre Cachoeira do Sul, Rio Pardo e Porto Alegre, escoando a produção agrícola e industrial de Cachoeira. Somente nos anos 1950 deixou de ser utilizada.

Com outras pontes da região central, a **Ponte de Pedra** foi **tombada** por sua importância histórica pelo IPHAE em 2013.



Ponte do Passo Real do Botucaraí em Cachoeira do Sul, primeira ponte de pedra construída no Rio Grande do Sul, inaugurada em 1848. Fotografia de Muti Produtora, 2018.

Falando em infraestrutura, em janeiro de 1859 Cachoeira do Sul recebeu finalizada a obra de construção da rampa de acesso ao **Porto de Embarque e Desembarque da Vila Nova de São João da Cachoeira**. Essa obra foi importante para melhorar e agilizar a ligação entre o interior do Rio Grande do Sul e Porto Alegre, e mais além, com o porto marítimo em Rio Grande. É bom lembrar que as **vias fluviais** eram o principal meio de transporte.

Com os avanços nos transportes, entre outras questões políticas e econômicas, as **hidrovias** deixaram de ser o principal meio de locomoção e atividade comercial no Rio Grande do Sul. Por isso, o antigo porto hoje serve apenas a pescadores locais e esportistas náuticos.

Hoje, o local é conhecido pela população como **Praia Velha**, com o calçamento original do século XIX ainda preservado. Por mais de 100 anos esse local foi o único porto de Cachoeira do Sul, permitindo embarque e desembarque de passageiros e mercadorias transportados pelo rio Jacuí.

O porto de Cachoeira do Sul em três momentos:

Cartão-postal do começo do século XX, acervo do Museu Municipal;

Abaixo, à esquerda: Fotografia do porto em 1915, fototeca do Museu Municipal,

À direita: Aparência do porto no verão de 2020, fotografia de Antonielli A'Costa Rodrigues.



Em 1865 foi inaugurado um prédio para sediar a **Câmara Municipal e a cadeia civil** da vila. Desde a fundação de Cachoeira elas funcionavam em prédios alugados. Nos primeiros tempos, o edifício serviu como enfermaria e hospital. Lá se tratavam doentes e feridos que retornavam da região da fronteira, durante a **Guerra do Paraguai**.

Prédio da antiga Câmara Municipal restaurado, atualmente abrigando o Museu Municipal.
Fotografia de Antoníela A'Costa Rodrigues (2026)..



Esse atendimento foi um pedido do próprio imperador **D. Pedro II**, que passou por Cachoeira durante o conflito. O imperador, enquanto esteve na vila, se hospedou com uma rica família cachoeirense, que residia em um casarão localizado na esquina das ruas Saldanha Marinho e General Portinho, já demolido.

A antiga Casa de Câmara, Júri e Cadeia foi **tombada** pelo COMPAHC em 1985, por ter sido reconhecido o seu grande valor para a história local. O prédio foi usado pela administração municipal até 2006, quando precisou ser interditado, pois a sua estrutura estava comprometida.

A comunidade se mobilizou pedindo a **restauração do prédio**, que foi concluída em 2017. Hoje é conhecido como Paço Municipal, e lá funciona o **Museu Municipal** da cidade.

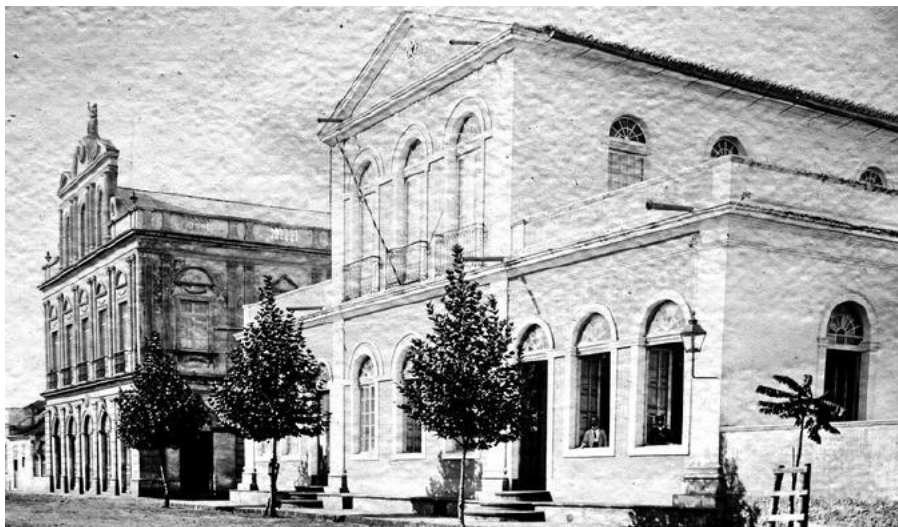
Saiba mais

A Guerra do Paraguai foi um conflito que aconteceu entre 1864 e 1870, considerado o maior que já ocorreu na América do Sul. Nele se enfrentaram a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai, que iniciou o confronto. Os países disputavam domínio sobre os territórios da região do Rio da Prata e sobre a navegação comercial.

A guerra terminou com a derrota dos paraguaios, que além dos grandes danos materiais, perderam cerca de 3/4 de sua população total.



A Casa de Câmara, Júri e Cadeia Civil (1865), em primeiro plano; e ao fundo o Teatro Municipal (1900), demolido na década de 1960. Fonte: acervo do Museu Municipal.





Foi em 1857 que chegaram a Cachoeira as primeiras famílias de **imigrantes alemães**, que ajudaram no crescimento da economia e da população. Essas pessoas fixaram moradia ao norte da área urbana de Cachoeira, em uma região chamada de **Colônia de Santo Ângelo**. A colônia recebeu esse nome em homenagem a Ângelo Moniz Ferraz, que era presidente da província do Rio Grande do Sul nessa época.

Esses primeiros imigrantes que chegaram a Cachoeira vieram de uma região da Europa chamada de **Pomerânia** (que hoje faz parte da Alemanha). Eles partiram da cidade de Hamburgo e atravessaram o Oceano Atlântico de navio, até o porto de Rio Grande. Dali, adentraram na Laguna dos Patos, e seguiram até Porto Alegre. Na capital, embarcaram em um navio a vapor, que subiu pelo rio Jacuí e os levou até o porto colonial, na localidade de Cerro Chato. Foi uma longa e exaustiva viagem.



De cima para baixo:

- Rua Júlio de Castilhos em 1915. Acervo da família Tischler.
- Campo de futebol Tamandaré no bairro Rio Branco, na década de 1940. Acervo do Museu Municipal.
- Villa Adolfini, uma das primeiras casas do bairro Rio Branco, construída pelo comerciante Augusto Wilhelm em 1913. Acervo do COMPAHC.
- Obra de calçamento no mesmo bairro, na década de 1940. Acervo de Coralio Cabeda.



Aspecto atual da fachada da Villa Adolfin, recentemente restaurada.
Fotografia de Cristiano Pontes Dias, 2026.

Mais tarde, muitos outros imigrantes vindos de diversas regiões da atual Alemanha chegaram à área da colônia. Lá, essas pessoas enfrentaram problemas como falta de infraestrutura, abandono por parte do Estado brasileiro, entre muitas outras dificuldades.

Muitos imigrantes alemães também foram viver na cidade, na zona urbana de Cachoeira. Várias famílias construíram suas casas ao longo da antiga *Stoffel Pikade*, atual rua Júlio de Castilhos. Mais tarde, famílias de origem alemã enriquecidas agruparam-se na região hoje chamada de **bairro Rio Branco**.

Esse grupo fundou uma Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, em 1893. A leste do núcleo urbano de Cachoeira, atual bairro Rio Branco, os imigrantes e seus descendentes adquiriram um terreno e construíram um prédio, para servir de casa paroquial e escola.



Conforme crescia a comunidade luterana em Cachoeira e também nos arredores, aumentava a procura por matrículas de alunos junto à escola. Assim, em 1916, por iniciativa do pastor **Hermann Dohms**, iniciou a construção de um novo edifício para servir de casa paroquial, abrindo espaço no antigo prédio para aumentar a escola. A obra foi inaugurada em 1917. Tudo passou a ser administrados pelo pastor e sua esposa.

Também por iniciativa de Dohms, em 1921 esse prédio deixou de ser casa paroquial e passou a abrigar o **“Proseminar”**, que era o **Instituto Pré-Teológico**. Era uma instituição escolar de alto padrão na região. Nela, meninos se preparavam para mais tarde estudarem teologia e se tornarem os novos pastores evangélicos luteranos. Antes da criação do Proseminar era necessário ir estudar na Alemanha para obter essa formação

Alguns anos mais tarde o Proseminar e seu idealizador transferiram-se para a sede do Sínodo luterano, em São Leopoldo. A escola alemã, no entanto, continuou existindo nas dependências da Comunidade. Hoje se chama **Colégio Barão do Rio Branco** e ocupa também o prédio do antigo Proseminar.

O Proseminar ontem e hoje (de cima para baixo):

O prédio na ocasião de sua inauguração.

Fonte: acervo do Colégio Barão do Rio Branco.
Sua aparência atual, restaurado e bem conservado.
Fotografia de Antonielli A'Costa Rodrigues, 2020.



Ao transferir-se para São Leopoldo, em 1927, Dohms lançou uma ideia junto à comunidade: a construção de *uma igreja própria*.

Durante os três anos seguintes, houve muita **mobilização** entre os membros da comunidade, em especial de famílias aristocráticas de ascendência germânica, que já estavam muito bem estabelecidas na cidade.

Em abril de 1931, a obra foi entregue, e a comunidade inaugurou o **Templo Martim Lutero**, construído com inspiração gótica, projetado pelo arquiteto alemão Theo Wiederspahn.

Nos registros da comunidade está descrito que o mobiliário foi inteiramente doado por fiéis. É interessante reparar que os membros de uma comunidade tão pequena (160 pessoas nessa época) devem ter feito muito esforço para angariar recursos para a obra. Além disso, possivelmente possuíam boa condição financeira, que permitiu realizar um empreendimento tão importante.

O Proseminar e o templo são **tombados pelo COMPAHC** desde a década de 1980.

À esquerda, o templo Martim Lutero na década de 1960. Fonte: acervo de Claiton Nazar.

À direita, a aparência atual do templo, em fotografia de Antonielli A'Costa Rodrigues (2020).



Cachoeira recebeu também imigrantes italianos, sendo algumas famílias oriundas da **Quarta Colônia Imperial — Silveira Martins**, fundada em 1877. Essas pessoas estabeleceram-se principalmente no distrito cachoeirense denominado Cortado; outras mudaram-se para a cidade e ajudaram a desenvolver o comércio local. Esse grupo veio contribuir para a **composição étnica** variada que originou o povo cachoeirense.

As autoridades do governo imperial brasileiro **estimularam a vinda desses imigrantes para o Brasil**.

A chegada das diferentes levas de imigrantes contribuiu para melhorar o desenvolvimento econômico em Cachoeira do Sul, entre 1850 e 1900. Eles eram principalmente pequenos produtores de subsistência, mas havia também diversos profissionais liberais vivendo na área urbana. Prósperos agricultores também viviam na cidade, e ajudaram a transformar a cidade em um importante polo orizícola do Rio Grande do Sul.

E eles vieram, aos milhares, para diversas partes do império. Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, eles chegavam com a finalidade de **povoar** áreas consideradas “vazias” ou “vulneráveis” da província.

Além disso, o império procurava aos poucos substituir a mão de obra de pessoas escravizadas de origem africana. A partir de 1850, a entrada de novos escravizados no Brasil foi proibida por lei.

FIQUE DE OLHO!

Etnia se refere a um grupo de pessoas que possui características em comum, pelas quais os indivíduos se identificam, enquanto grupo. Essas características podem ser culturais, religiosas, idiomáticas, etc. Um exemplo é a etnia tupi-guarani, tipicamente brasileira. Uma atividade de subsistência é aquela feita pensando na sobrevivência. Um agricultor de subsistência cultiva plantas para sobreviver e alimentar sua família, e não para ficar rico.

Orizícola: palavra relativa à cultura do arroz. Logo, um polo orizícola é um local onde se produz grande quantidade de arroz.

EXERCITANDO O CONHECIMENTO

1. Volte à página 27 e observe com atenção as três imagens do antigo porto de Cachoeira do Sul. Depois, leia as perguntas e responda em seu caderno.

- O que as três fotografias possuem em comum?
- Quais são as diferenças entre as imagens?
- Você já esteve no porto? Se sim, descreva como foi a experiência. Se não, pergunte a alguém que já foi e anote o que a pessoa lhe contar.
- Na sua opinião, por que o porto de Cachoeira do Sul está praticamente abandonado? O que poderia ser feito para melhorar?
- Qual é a importância do porto em uma cidade que possui rio navegável como o Jacuí?



2. No bairro onde você mora existe alguma casa, edifício ou monumento reconhecido como patrimônio histórico da cidade?



SIM: descreva esse bem patrimonial com o maior número de detalhes possível. Se quiser, faça um desenho com inspiração nesse local.



NÃO: Reflita e troque ideias com professores e colegas em sala de aula. Pergunte também em casa, aos seus familiares e amigos. Por que não há nenhum? Escreva um texto sobre essa reflexão.

3. Você lembra que mapas e documentos também são bens patrimoniais? Vamos analisar o mapa do Rio Grande do Sul que está na página 24. Anote no seu caderno as informações:

- | | |
|---------------------------------------|--|
| a. Assunto do qual se trata; | g. Local onde se encontra o mapa hoje; |
| b. Espaço retratado no mapa; | h. Por que esse mapa foi escolhido para ilustrar este livro? |
| c. Época que está sendo representada; | |
| d. Título do mapa; | |
| e. Data da criação do mapa; | |
| f. Nome do autor; | |



HERANÇA ESCRAVISTA EM CACHOEIRA

Desde o começo da **dominação portuguesa** sobre terras brasileiras, a mão de obra usada na exploração de atividades econômicas era a **escrava**.

Inicialmente os portugueses escravizaram os indígenas. A partir do século XVII, já quase que todos os escravos no Brasil eram **pessoas negras** trazidas à força de várias partes da **África**.

Cerca de **10 milhões de seres humanos foram sequestrados** nesse continente. Destes, mais ou menos 40% chegaram a ser vendidos como escravos no Brasil, durante os **quase 400 anos** que durou a **escravidão**.

A partir de meados do século XVIII, quando de fato iniciou a ocupação das terras do Rio Grande do Sul pelo reino de Portugal, a situação não foi diferente do restante do Brasil.



Trabalhadores negros da Charqueada do Paredão, por volta de 1910.
Fonte: acervo do Museu Municipal.

Talvez você não saiba, mas por muito tempo alguns historiadores **tentaram diminuir os horrores da escravidão** em terras gaúchas. Afirmavam que nelas os negros eram bem tratados pelos senhores; que no Rio Grande do Sul a mão de obra escravizada era muito pequena; quase diziam que "aqui não foi tão ruim assim".

Hoje sabemos que os homens e mulheres negros estiveram vivendo no Rio Grande do Sul **desde a chegada dos primeiros portugueses** que receberam sesmarias, lá nos anos 1700. Sabemos também que o RS aparecia entre as seis maiores províncias escravistas do Brasil, em número de escravos, no século XIX. E agora você já sabe: **o gaúcho tem sangue negro**. E o cachoeirense? **Também!**

Os **dados demográficos de 1814** colocam Cachoeira como região que possuía o maior número de homens e mulheres negros escravizados no Rio Grande do Sul nessa época.

A historiadora Margaret Bakos reuniu informações de diversos autores em uma tabela (abaixo). Nela, é possível ver a **evolução da população cativa** no Rio Grande do Sul em diferentes municípios. Foi daí que extraímos as informações abaixo sobre Cachoeira:

Mesmo com todas essas informações, pouco se fala na presença e no papel das pessoas negras na formação de Cachoeira do Sul. Essas pessoas ficaram, de certa forma, à margem da história do município.



Tabela de evolução da população de pessoas escravizadas em Cachoeira do Sul

Ano	1780	1814	1859	1884	1885	1887
Número de cativos	237	2.622	3.397	1.403	658	464

Fonte: adaptado de BAKOS, 2018.

Repare bem: nenhum dos **bens patrimoniais** dos quais falamos até agora pertenceram aos homens e mulheres negros que foram levados para Cachoeira na condição de escravos. Eram essas pessoas que, nesse período, geralmente eram os responsáveis inclusive por erguer as casas e edifícios onde todos moravam e circulavam; mas quando vamos pesquisar, eles nunca aparecem como os donos dos prédios.



Dr. Balthazar de Bem (ao centro) cercado de familiares e serviçais, por volta de 1910.
Fonte: acervo do Museu Municipal

Apesar de tudo isso, a **cultura brasileira** é recheada de **heranças do povo negro**. Temos a influência musical, artística, linguística, religiosa, festiva... são infinitas contribuições.

Na culinária, há inúmeros pratos e iguarias, como o **acarajé**, um bolinho de feijão típico da Bahia e que foi tombado pelo IPHAN como patrimônio nacional em 2004. Pois é, até um alimento pode ser tombado – ou seja, legalmente **protegido** para que não desapareça.



Você sabia que, em 2018, 19,2 milhões de brasileiros se declararam pretos? Isso equivale a 9,3% de toda a população do Brasil! No mesmo ano, 46,5% dos brasileiros afirmaram que são pardos. Somos maioria nesse país, devemos ser respeitados e valorizados!

Nunca houve preocupação em preservar o patrimônio afrodescendente para as futuras gerações. Além disso, essas pessoas não vieram colonizar o Brasil, como açorianos e alemães, por exemplo. Eles foram trazidos contra suas vontades, e nem sequer eram considerados seres humanos. Milhões nem chegaram ao Brasil: morreram no caminho!



Serviço de carpintaria executado na antiga Casa de Câmara, Júri e Cadeia em 1865 pelos escravos do construtor Ferminiano Pereira Soares. Fotografia de Renato Thomsen, na época da reforma do prédio, 2016.

Mesmo assim, quando falamos de **patrimônio histórico edificado**, é muito difícil encontrar vestígios do povo africano e de seus descendentes, ainda que essas pessoas vivam no Brasil há quase 500 anos. Por isso, te convidamos agora a refletir um pouco sobre esse assunto.

Com relação ao patrimônio histórico edificado que restou do **período escravocrata** de Cachoeira do Sul, dois **sítios históricos** se destacam: a **Estância São José** e a **Charqueada do Paredão**.

Nenhum dos dois pode ser considerado patrimônio histórico dos negros que viveram em Cachoeira do Sul. No entanto, como não encontramos construções genuinamente afrodescendentes, escolhemos explorar a história destes dois espaços, pensando na **presença negra para a formação do município**.



FAZENDA DA TAFONA



Fachada revitalizada da casa-sede da Fazenda da Tafona, antiga estância de uma das primeiras famílias a povoar Cachoeira do Sul. Fotografia de Marô Silva (2019).

Como já dissemos, entre os primeiros ocupantes de Cachoeira estavam casais vindos das **Ilhas dos Açores**. Eles foram trazidos pela Coroa portuguesa para povoar, proteger e trabalhar nas terras da região sul do Brasil. Na época, as fronteiras ainda não estavam definitivamente traçadas.

Um destes açorianos, entre os primeiros a chegar à região de Cachoeira, foi **João Pereira Teixeira d'Águeda**; seu nome também aparece em documentos como **João Pereira Fortes**.

João nasceu na Ilha de São Jorge, no arquipélago dos Açores, e recebeu uma grande **sesmaria à margem esquerda** do rio Jacuí.

Em 1755, na cidade de Rio Pardo, ele casou-se com **Eugenia Rosa Ribeiro**. Ela também era açoriana, da Ilha Terceira, e o casal se estabeleceu na região de Cachoeira.

Em 1773, Fortes associou-se a **Mateus Simões Pires**, assinando um contrato em um cartório da capital, Porto Alegre.



Nesse documento, os **sócios** declararam ocupar conjuntamente duas estâncias, onde possuíam em comum animais, escravos e uma **atafona** (ou seja, uma moenda onde se fabricava farinha de mandioca).

Pesquisadores acreditam que essa atafona, declarada na sociedade, seja a mesma que está até hoje na propriedade chamada **Estância São José**, mais conhecida como **Fazenda da Tafona**. Sendo assim, é possível que o maquinário da atafona seja dessa época.

A atual proprietária da fazenda, a jornalista Maria Irtília Vieira da Cunha e Silva (a Marô), acredita que a casa-sede foi construída pelos escravos da família por volta de **1813**. A propriedade sofreu várias divisões entre herdeiros, e também foi ocupada por muitas gerações da **família Vieira da Cunha**. Por causa disso, apenas a edificação principal da estância foi preservada, junto com a atafona que lhe rendeu o apelido.

Acima, galpão e maquinários da atafona, usados na produção de farinha de mandioca desde o fim do século XVIII na Estância São José, hoje Fazenda da Tafona. Abaixo, o proprietário Marco Aurélio Schntz explica o funcionamento do maquinário para visitantes. Fotografias de Antonielli A'Costa Rodrigues (2019).



Ainda que, segundo Marô, houvesse indícios de ocupação indígena nas terras da fazenda, não sobrou nada para contar a história. **Senzalas** e outros espaços ocupados pela escravidão da família também não sobreviveram ao tempo.

Lá **os escravos faziam tudo**. Cuidavam da criação de animais, das lidas domésticas, da produção da farinha da atafona, construíam prédios como o galpão da atafona... enfim, eram a **verdadeira força de trabalho da estância**.

Marô preserva no interior da casa-sede um grande e valioso **acervo de objetos e documentos históricos**. A maioria são documentos referentes às várias gerações da família que viveram na casa ao longo dos séculos. Ela e o esposo buscam manter, tanto quanto possível, as características originais da edificação.

Em sentido horário: Interior da sala de visitas da casa-sede, com rico acervo de diferentes épocas. À direita, pátio central da casa visto de dentro do galpão da atafona, construído pelos escravos. Fotografias de Antonielli A'Costa Rodrigues, 2019. Abaixo, o casarão em 1909. Fonte: acervo de Marô Silva.



Por não possuírem recursos próprios no montante necessário para restaurar o local, o casal procura divulgar a fazenda como atrativo turístico de Cachoeira do Sul. A ideia é que o espaço gere renda, para ser investida em melhorias na propriedade.

Ainda pensando na preservação, a família conseguiu em 2001 incluir a fazenda no **Sistema Estadual de Museus**. Em 2012, aconteceu o **tombamento** conjunto da casa-sede e da atafona, reconhecidas como patrimônio histórico e cultural de Cachoeira do Sul pelo IPHAE. Em outubro de 2013 foi fundada a **Associação de Amigos da Fazenda da Tafona - Casa de Memória**. Além disso, os proprietários administram as redes sociais da fazenda na internet.



Acima, grilhão usado durante o período da escravidão na antiga estância.

Abaixo, uma obra de arte que buscou resgatar a história do escravismo em Cachoeira do Sul. Uma curiosidade é que a tela foi elaborada usando documentos históricos originais de época.

Como sabemos, documentos são importantes fontes para o trabalho do historiador e devem ser preservados em locais apropriados, como nos acervos de arquivos e museus.



Peças do acervo da Fazenda da Tafona. Fotografias de Antonielli A'Costa Rodrigues (2019).



CHARQUEADA DO PAREDÃO

Pouco se sabe com certeza sobre a história da Charqueada do Paredão. A empresa foi estabelecida em Cachoeira provavelmente em 1878, por um homem de origem germânica, chamado **Jorge Claussen**. Ela contava com um capital inicial de mil libras esterlinas, e a mão de obra usada na charqueada era escrava até 1884, e ex-escrava a partir de então. É considerada a **primeira indústria de grande porte de Cachoeira do Sul**.

Também sabemos, através de documentos, que os **escravos residiam junto à Charqueada do Paredão**. A indústria localizava-se a mais de sete quilômetros da região central da cidade, e separada do restante da zona urbana pelo Arroio Amorim.

Deve ter surgido algum comércio e uma **pequena vila** de moradores nas redondezas, região hoje conhecida como **Prado**.



Imediações da Charqueada do Paredão (ao fundo, com chaminé) e uma pequena comunidade, retratadas em cartão-postal, dos primeiros anos dos 1900.

Fonte: acervo do Museu Municipal

FIQUE DE OLHO!

A libra esterlina era, e ainda é, a moeda usada no Reino Unido.

Dissemos que a mão de obra passou a ser ex-escrava porque, em 1884, todos os escravos da charqueada foram libertados, com a condição de que continuassem trabalhando por mais alguns anos.

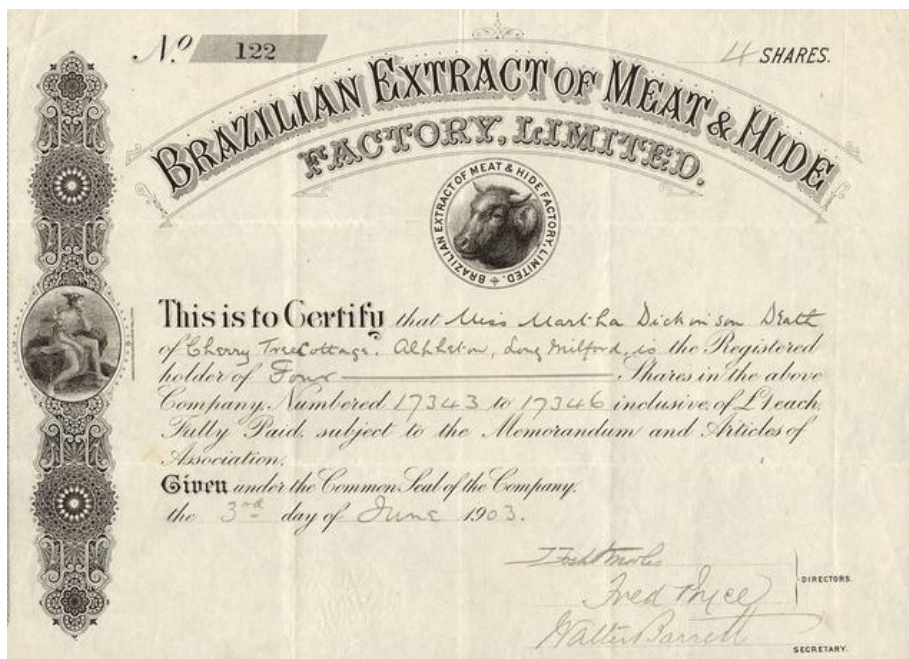
Os pesquisadores Oliveira e Santos descobriram, através da análise de documentos, que existia um **hotel** na área da Charqueada, que devia abrigar **viajantes** de negócios que iam comprar charque ou vender gado. Tudo indica que o hotel pertencia a Emilio Stablitz, imigrante alemão residente na Charqueada.

Em 1887, a Charqueada passou para a empresa britânica **Brazilian Extract of Meat and Hide Factory Limited**, e assim permaneceu até 1921. Apesar de sua reconhecida importância, parece que o negócio já não ia bem nessa época.

Seja como for, em 1916, o Estabelecimento Paredão constituía **importante fonte de entrada de riquezas no município**, conforme um relatório apresentado no ano seguinte por Emiliano Antonio Carpes ao intendente municipal, o capitão Francisco Fontoura Nogueira da Gama. Por essa época, a empresa produzia não apenas charque, mas também gorduras, conservas, chifres, extrato de carne, graxa, cinza de ossos e couros.



Certificado de cotas de capital da empresa Brazilian Extract of Meat and Hide Factory Ltd., empresa inglesa estabelecida em Cachoeira do Sul, datado de 1903. Fonte: Scripoworld.com



A partir de 1921, o Estabelecimento do Paredão passou ao controle da companhia chamada **Balthazar de Bem & Cia**. Como o nome indicava, Dr. Balthazar de Bem (sim, aquele da foto na página 38!) era o sócio majoritário, presidente da sociedade e diretor da empresa.

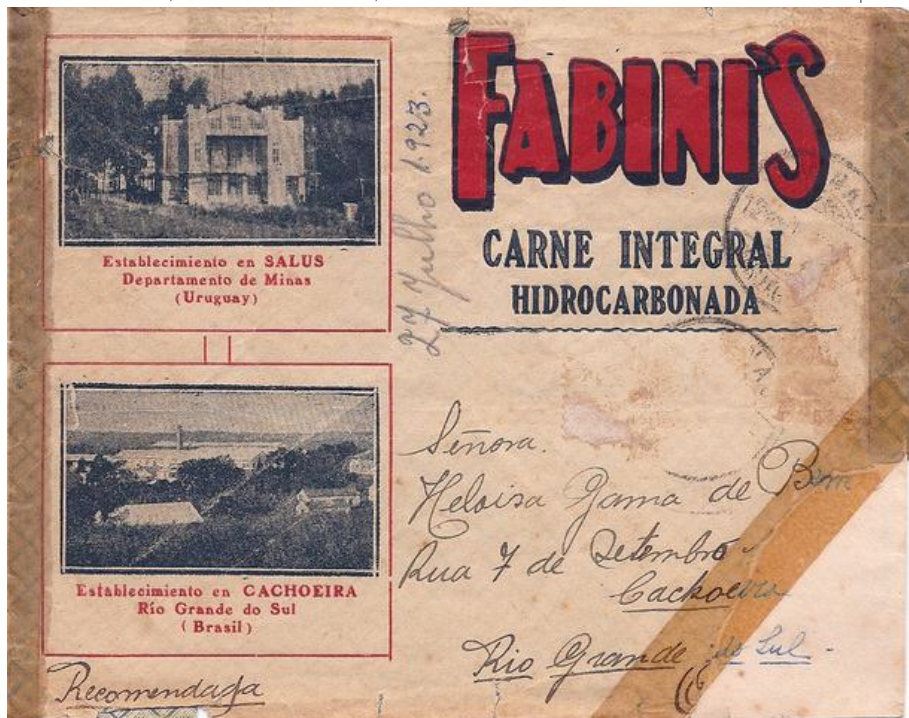
Em 1922, após modernizações na fábrica, foi lançado o **Alimento Fabini**, um produto alimentício elaborado com extrato de carne e glúten de cereais, em forma de granulado, vendido em latas.



Dr. de Bem faleceu em 1924, e no ano seguinte já circulava em jornal um **anúncio de venda** do estabelecimento industrial, incluindo terras, construções e maquinários, contando com um ramal da via férrea, encanamento hidráulico, luz elétrica e linha telefônica.

Também pelos jornais da época sabemos que em 1930 a Charqueada do Paredão encontrava-se sob administração da firma **Osório & Terra**. A empresa encerrou em definitivo nos **anos 1930**.

Envelope da Charqueada e Estabelecimento Paredão divulgando seu novo produto, o Alimento Fabini, em Cachoeira do Sul, com data de 1923. Fonte: acervo do Museu Municipal.





A Charqueada, no Paredão que lhe deu nome, em fotografia tomada da margem direita do rio Jacuí, em 1910 - à época, ainda administrada pelos ingleses. Fonte: Museu Municipal.



Hoje, toda a área da antiga Charqueada, assim como o novo porto construído há poucas décadas, **pertence à União**, sob responsabilidade da **Superintendência do Porto de Rio Grande**. Apesar da importante contribuição que sua existência gerou para a história do município, o conjunto do Paredão **não é formalmente reconhecido como patrimônio histórico** pelas autoridades locais.

Além do estado de abandono do complexo do Paredão em si, **o acesso a esse sítio histórico é tortuoso**. É preciso percorrer um trecho de aproximadamente três quilômetros por estradas sem calçamento e sem placas indicativas para poder chegar ao prédio principal.



- (1) À esquerda, trabalhadores ao portão da Charqueada em 1909. Fonte: Museu Municipal.
 (2) À direita, aparência atual do prédio principal, com sua chaminé ao fundo, completamente abandonado. Fotografia de Antonielli A'Costa Rodrigues, 2020.

EXERCITANDO O CONHECIMENTO

Reúna-se com alguns colegas; vocês vão pesquisar sobre a contribuição do povo africano e seus descendentes para a cultura da nossa cidade.

Cada grupo escolherá um dos temas abaixo. Vocês devem criar uma apresentação para mostrar à turma os resultados da pesquisa. Façam cartazes, músicas, vídeos, exposições, maquetes... enfim: sejam criativos!

1. Alimentação/culinária
2. Religiões
3. Idioma/linguagem/lendas
4. Esportes
5. Música e dança
6. Festas populares

Para você realizar essa tarefa, temos algumas sugestões:

- Visite o museu da cidade, a biblioteca pública, para fazer pesquisas e também conversar com as pessoas que lá trabalham;
- Entreviste as pessoas mais velhas que moram na sua rua, no seu bairro, ou que possam ajudar de alguma forma;
- Anote todas as informações que parecerem interessantes para o trabalho;
- Você também pode gravar áudio ou vídeo usando um celular, mas nunca se esqueça de pedir a autorização das pessoas que aparecerem nele!



Observe as fotografias das páginas 41 e 42, com diferentes aspectos da Fazenda da Tafona. Muitas gerações de uma mesma família viveram naquele lugar, ao longo de três séculos diferentes.



- O que permaneceu igual desde que a fazenda foi construída pelos escravos, em 1813?
- O que mudou de lá pra cá?
- Por que será que essas mudanças aconteceram?
- Essas mudanças trouxeram benefícios? Quais?
- Como você imagina que era a vida cotidiana das pessoas naquela época?
- Qual é a importância de se preservar um lugar assim, na nossa cidade?

Use essas questões para elaborar um texto sobre o assunto. Não esqueça de dar-lhe um título.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- Acervo do Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul
- Acervo da Fazenda da Tafona - Casa de Memória
- Fototeca do Museu Municipal de Cachoeira do Sul



Acervo digital do Arquivo Público do Rio Grande do Sul - <http://www.apers.rs.gov.br>
Coleção digital de jornais e revistas da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br>
COMPAHC - <http://www.compahc.com.br>
IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br>
Jornal do Povo - <http://www.jornaldopovo.com.br>
Mapoteca online do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - <https://www.ihgrgs.org.br>



BAKOS, M. Escravidismo e abolição no Rio Grande do Sul. Londrina: Edue, 2018.

ECKERT, K. B. Quando florescem os arrozais...: história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Cachoeira do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro-editor, 1994.

HORTA, M. L. P. et al. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LACERDA, A. D. et al. Patrimônio Cultural em Oficinas: Atividades em contextos escolares. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

MOREIRA, P. R. S. et al. A Morte do Comendador: Eleições, crimes políticos e honra (Antonio Vicente da Fontoura, Cachoeira, RS, 1860). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.

MUSEU MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL. Fundação do Município de Cachoeira do Sul: documentos históricos. Cachoeira do Sul: Gráfica Cachoeirense, 1987.

OLIVEIRA, Renata Saldanha. Cativos julgados: experiências sociais escravas de autonomia, sobrevivência e liberdade em Cachoeira do Sul na segunda metade do século XIX. Dissertação de Mestrado em História, PPGH, UFSM, Santa Maria, 2013.

PACHECO, R. A. Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente. Jundiá: Paco, 2017.

SCHUH, A. S.; CARLOS, I. M. S. Cachoeira do Sul: em busca de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro-editor, 1991.

SCHUH, A. S.; RITZEL, M. R. M. Cachoeira do Sul: Princesa do Jacuí. Porto Alegre: Martins Livreiro-editor, 1997.

SÔNEGO, Aline. "Sob a condição que continue em nossa companhia": as décadas finais da escravidão e a transição para o trabalho livre em um município rio-grandense (Cachoeira, 1871/1889). Dissertação de Mestrado em História, IFCH, UPF, Passo Fundo, 2011.



AOS PROFESSORES

Nas próximas páginas você encontrará **sugestões de atividades** que podem ser realizadas com alunos de diferentes níveis da educação básica, desde os anos iniciais até o ensino médio e educação de jovens e adultos. Elas também servem de ponto de partida para te inspirar a elaborar o seu planejamento de aula pensando em estratégias para o desenvolvimento de habilidades e competências junto aos seus estudantes.

São atividades pensadas por e para professores de História, mas que podem e devem convergir para uma construção **interdisciplinar** do saber, sempre que for possível.

Quanto mais significativo for o conhecimento para os estudantes, certamente melhores serão os resultados do processo de ensino-aprendizagem. Esse é, sem dúvidas, o objetivo primário de todos os profissionais da educação.

Ainda que este material trate da história de Cachoeira do Sul, a premissa básica de ensinar a disciplina por meio do patrimônio histórico e cultural é **adaptável** à realidade de outros municípios e contextos.

Da mesma forma, é bom lembrar que Cachoeira ocupou papel central na história do **Rio Grande do Sul**, esteve intimamente ligada a importantes passagens históricas da evolução do estado e também se insere em um contexto federal.

Logo, é possível explorar a **história local** para ensinar e aprender conteúdos que vão além dos anos iniciais, quando geralmente se estuda o bairro e o município. Como dito antes, basta que sejam feitas adaptações que atendam melhor à capacidade intelectual de cada grupo de estudantes.

Convidamos você a **divulgar** este material em sua escola, entre seus colegas professores, junto aos seus alunos e para a comunidade como um todo, pois essa história é de todos nós, e quando um povo conhece a sua história, não há de repetir erros do passado.

A autora



SUGESTÕES DE ATIVIDADES

INTRODUZINDO O PATRIMÔNIO EM SALA DE AULA

Para se ensinar história através do patrimônio histórico e cultural, é fundamental que primeiramente os estudantes compreendam o significado de *patrimônio*.

Para isso, você pode introduzir o assunto explicando o **conceito de patrimônio**, ou pedir que os alunos verifiquem o que diz esse verbete em dicionários.

Na página 20 deste material estão algumas informações so-

bre patrimônio e suas diferentes classificações e subdivisões. Lá também falamos rapidamente sobre **diferentes órgãos** que se ocupam dos assuntos ligados aos bens patrimoniais na atualidade.

Você encontra na página 14 uma breve explicação a respeito do **tombamento de bens patrimoniais** – um termo que costuma gerar dúvidas entre os estudantes, e por isso deve ser bem explorado.

SUGESTÃO I: construindo mapas mentais

Mapas mentais são ótimas ferramentas para se introduzir qualquer assunto a partir do conhecimento que os estudantes já possuem. Eles ajudam a criar um vínculo imediato entre os alunos e o tema a ser estudado. Como aqui tratamos da cidade onde vivem, essa ligação fica ainda mais fácil de ser estabelecida.

É interessante analisar que alguns bens patrimoniais aparecerão com muita frequência, e outros talvez sejam inteiramente esquecidos. Também podem aparecer bens que não são oficialmente reconhecidos enquanto patrimônio, mas que possuem significado para os estudantes que mencionaram. Frutíferas discussões podem surgir a partir daí.

- Sabendo os estudantes o que é patrimônio, explique que o tema da aula será o patrimônio histórico e cultural de Cachoeira do Sul;
- Mostre no quadro como se cria um mapa mental, indicando que pode ser usado para estudar qualquer assunto. Você pode exemplificar usando o modelo que inserimos a seguir;
- Peça para que os alunos elaborem o seu próprio mapa mental sobre o patrimônio histórico e cultural de Cachoeira do Sul, individualmente, em seus cadernos ou em uma folha em branco;
- Depois, conjuntamente, construa com eles um grande mapa mental no quadro.

Exemplo de mapa mental



Bens patrimoniais tombados em Cachoeira do Sul

- Casa da Aldeia
- Estação Ferroviária da Ferreira
- Antigo Banco da Província
- Paço Municipal
- Residência do Dr. Balthazar de Bem
- Painel "Sinta-se Feliz na Capital do Arroz"
- Cine Teatro Coliseu
- Château d'Eau
- Templo Martin Lutero
- Catedral Nossa Senhora da Conceição
- Primeiro prédio do Hospital de Caridade e Beneficência
- Estância São José - Fazenda da Tafona
- Instituto Pré-Teológico Proseminar
- Residência de José Custódio Coelho Leal/União de Moços Católicos (fachada)
- Knorr & Eisner
- Filial do Banco Pelotense
- Ponte de Pedra do Botucarái

*

SUGESTÃO 2: estudo de caso

A **análise crítica de imagens e monumentos** pode render bons frutos em sala de aula. Nossa segunda sugestão envolve as páginas 14 e 15 deste material.

- Chame a atenção dos estudantes para a história da Casa da Aldeia, na pág. 14. Uma construção residencial que sobreviveu à passagem do tempo; uma lembrança dos tempos em que o Brasil era um império e ainda escravizava as pessoas negras;
- Destaque o fato de que o casal proprietário do imóvel eram um homem português e uma mulher índia, e que isso era comum na época;
- Esclareça que a casa possuía cerca de 150 anos quando foi tombada pelo COMPAHC, em 2005. Foi continuamente ocupada e passou por diferentes proprietários desde a construção, sofrendo transformações;
- Depois de conhecer a história da casa, solicite que os estudantes analisem as imagens e respondam a algumas perguntas a partir de suas percepções.

Veja abaixo alguns exemplos.

REFLETINDO...

1. O que permanece igual no edifício?
2. O que foi alterado? Por quê?
3. Você já conhecia a Casa da Aldeia? Já esteve lá pessoalmente?
4. Pense o que poderia acontecer no bairro da Aldeia, onde fica a casa: e se ela fosse restaurada? E se ela fosse demolida? E se ela continuar como está?
5. Imagine que você seja um morador do bairro e viva próximo da casa. Como você acha que se sentiria a respeito dela? Converse com os seus colegas.



É possível estabelecer relação entre as más condições em que se encontrava a Casa, 15 anos após o tombamento, e a charge da p. 15, tratando justamente desse tema. Nela, uma criança e seu pai estão em uma rua com sobrados aparentemente históricos. Um deles desaba, e o menino pergunta ao pai se é isso que significa "tombamento".

O autor faz um trocadilho com os diferentes significados da palavra, mas que, se analisarmos detidamente, são dois lados da mesma moeda quando se trata do patrimônio edificado.

O processo de tombamento da Casa da Aldeia é um exemplo dessa

dualidade. Ela foi reconhecida como patrimônio da cidade, e por isso tombada. Porém, o tombamento impõe a observância de normas técnicas específicas para a execução de reformas e revitalizações em edifícios históricos, tornando possíveis obras ainda mais onerosas do que geralmente já são.

Quando o proprietário não possui recursos ou não procura auxílio, o imóvel acaba abandonado e degradado, como a Casa da Aldeia, e sujeito ao tombamento – literalmente. Ou seja: ainda que legalmente protegido, na prática, o patrimônio continua vulnerável. São pontos interessantes para se debater.

SUGESTÃO 3: pesquisa e exploração

Na página 48, sugerimos que os estudantes realizassem uma pesquisa a respeito das contribuições culturais do povo africano para a formação de Cachoeira do Sul. Nossa terceira sugestão é uma variação dessa atividade, dando ênfase, porém, na questão do patrimônio histórico edificado.

- Os estudantes já conhecem o conceito de patrimônio e já sabem quais são os principais prédios históricos da cidade. Questione-os sobre qual desses prédios, ou outros, são herança do povo africano que foi levado para Cachoeira na condição de escravo. Quais desses prédios pertenceram a pessoas negras? Que outras construções eles ocupavam na cidade, durante os séculos XVIII e XIX? E no século XX? Possivelmente, poucas respostas surgirão;
- Então, proponha que a turma vá em busca dessas informações, nos mesmos moldes sugeridos na atividade da p. 48;
- Peça que pesquisem sobre lugares da cidade onde os negros viviam no passado, entrevistando pessoas, procurando fotografias, visitando os acervos históricos municipais, pesquisando na internet;
- Em um segundo momento, com a pesquisa concluída, sugerimos a montagem de painel ou exposição na escola, onde os estudantes apresentam à comunidade escolar o resultado de seus trabalhos;

- A exposição pode conter fotografias, textos, árvores genealógicas dos alunos ou de pessoas entrevistadas, desenhos, objetos, e também dispor de materiais multimídia, como músicas, vídeos, etc;
- É interessante que, depois de tudo pronto, seja feita uma reflexão em sala de aula com os estudantes. Em uma roda de conversa, eles podem contar como foi o processo de reunir as informações, as pequenas conquistas e os entraves.

É provável que, antes mesmo desse momento, surja a questão da dificuldade em encontrar fontes nas quais pesquisar esse tema, que ainda é pouco explorado em Cachoeira do Sul. Turmas de alunos mais jovens tendem a encontrar maior dificuldade no sentido de "pensar fora da caixa", ou construir respostas a partir do nada, buscando informações para além dos livros e da internet.

Assim sendo, tratar do patrimônio histórico edificado de herança negra em Cachoeira do Sul pode ser um assunto mais adequado a estudantes de maior faixa etária, como no ensino médio e EJA.

No entanto, é possível adaptar a atividade a outros temas de menor grau de dificuldade, caso o público-alvo seja de estudantes do ensino fundamental, também com resultados satisfatórios.

*

SUGESTÃO 4: estudo do meio

Esta sugestão de atividade foi criada seguindo os passos sugeridos por Ricardo de Aguiar Pacheco em seu livro *Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente*. Consiste no que ele chama de metodologia do estudo do meio, onde acontece uma sequência metodológica de três passos básicos. Podemos resumir da seguinte forma: 1) problematização; 2) coleta e sistematização das informações; e 3) intervenção social.

Nesta proposta, abordamos a questão do porto de Cachoeira do Sul, inaugurado em 1859, hoje em dia também popularmente conhecido como Praia Velha. Neste material, ele aparece na pág. 27. No entanto, é perfeitamente possível reproduzir essa técnica metodológica do estudo do meio para abordar outros bens patrimoniais da cidade; é certo que os resultados serão sempre variados e promissores.

1. Problematizar o tema que se quer trabalhar.

Aqui, queremos trabalhar com a questão do porto de Cachoeira do Sul. Há dois anos, veio à tona na mídia local que autoridades municipais desconheciam o fato de que o calçamento localizado ao final da rua Moron, onde fica o porto, é original do século XIX, e que por isso tinha valor histórico para a cidade. Da mesma forma, a grande maioria dos cidadãos ignora esse pedaço da história cachoeirense.

- Comece perguntando: quem já foi ao porto? Como é lá? Por que foi construído? Sabem aquelas pedras? E assim por diante;
- Pode-se também mostrar fotos antigas do lugar, como as da página 27. Muitos alunos, possivelmente, podem não saber de tais informações;
- Depois, você apresenta a notícia jornalística que vai anexa na próxima página, que provavelmente gerará comoção;
- "Ora, pois então até mesmo um político pode não conhecer a história da cidade? Por quê?". Um interessante debate pode surgir, instigue-os a trocarem ideias;

- Nesse momento, a tarefa do professor é sugerir que os estudantes proponham uma melhor divulgação do valor histórico do porto.

2. Coleta e sistematização de dados e informações.

Instrua os estudantes a realizar pesquisas sobre a história da região do porto e sua evolução com o passar do tempo, buscando fotos, tomando depoimentos de pessoas. A critério do professor, poderá ser realizada uma saída de campo onde os alunos poderão fotografar a área para comparar com imagens antigas e também para ilustrar suas pesquisas.

3. Intervenção concreta usando as habilidades desenvolvidas; reverter o conhecimento adquirido em benefício concreto para a comunidade onde o indivíduo se insere.

Em sala de aula, os alunos deverão reunir e sistematizar as informações coletadas, organizando cronologicamente, destacando os pontos mais importantes, para criar um material de divulgação sobre esse sítio histórico de Cachoeira do Sul.

Esse material poderá ser um vídeo publicado em redes sociais; panfletos para divulgação no Museu Municipal e nas escolas; cartazes e/ou apresentações para expor em sua própria escola, para os demais alunos e professores; cartões-postais... enfim, são inúmeras possibilidades.

*

Reportagem da Rádio Fandango



Disponível em:

<http://www.radiofandango.com.br/2018/04/13/compahc-e-contra-asfaltamento-da-rua-moron-junto-ao-rio-jacui/>

Acesso em:

13 de setembro de 2026

SUGESTÃO 5: explorando a cidade

A última sugestão é também uma rica experiência para qualquer cidadão, em qualquer cidade: explorar os espaços do lugar onde vive, conhecer a história das ruas e prédios e das pessoas que ali viveram antes.

Aqui sugerimos um percurso que pode ser feito a pé pelo centro histórico de Cachoeira do Sul. Montamos uma atividade de saída de campo, para ser realizada com estudantes de qualquer nível do ensino. A metodologia que utilizamos foi inspirada no Guia Básico de Educação Patrimonial, de Maria de Lourdes Horta, Evelina Grunberg e Adriane Monteiro.

Por ser uma atividade fora do ambiente escolar, alguns cuidados são necessários. Acompanhe:

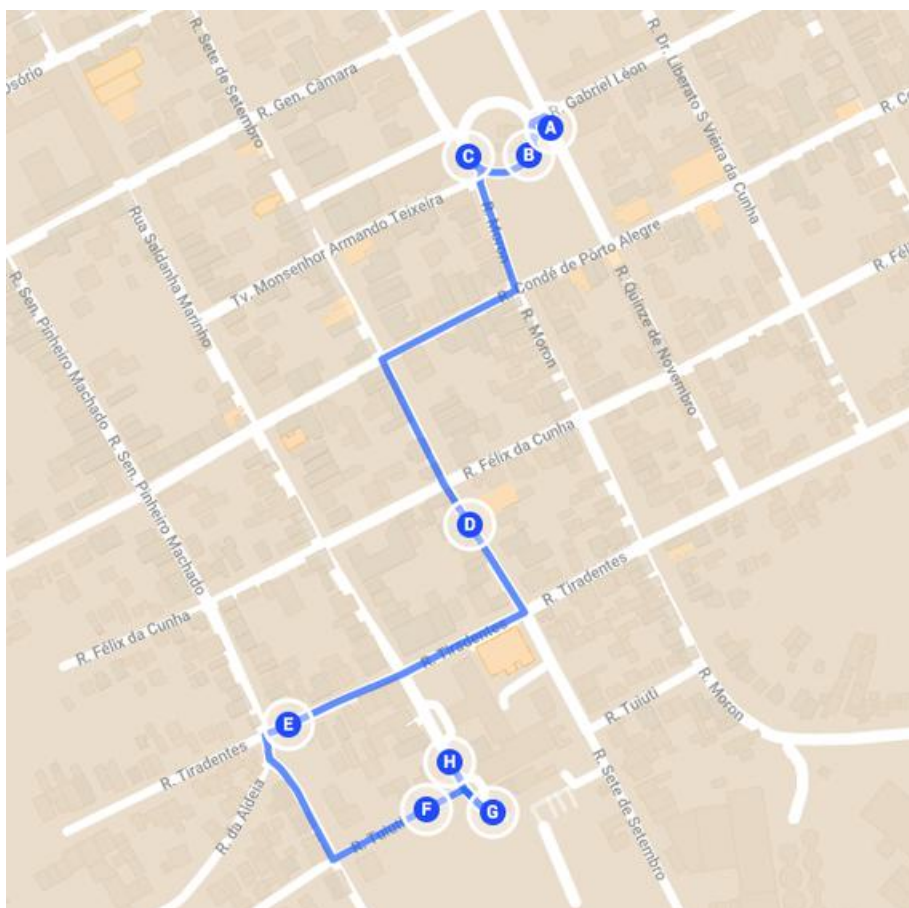
- Primeiramente, recomendamos que você realize previamente o roteiro que depois fará com os alunos, prevendo os tempos entre início e final do percurso. Visitar o local antes de levá-los também ajuda a visualizar outras possibilidades e estratégias que podem não se incluir aqui;
- Também é importante que os alunos já possuam noções de conceitos como patrimônio cultural, tombamento, etc. A sugestão 1, sobre mapas mentais, pode auxiliar no reconhecimento dos estudantes enquanto estiverem realizando o percurso, treinando seus olhares para o assunto e ajudando a manter o foco na atividade;
- No trajeto sugerido, há outras edificações de interesse histórico que não estão contempladas na sugestão. Incluí-las no roteiro fica a critério do professor;
- Ainda é preciso ficar atento a questões práticas como:
 1. Verifique a previsão do tempo para o dia da saída de campo;
 2. Solicite com antecedência a autorização dos responsáveis para participação na atividade;
 3. Instrua os estudantes para que vistam roupas adequadas, levem água e outros objetos que você julgar pertinentes (boné, lanche, filtro solar, dinheiro, etc.).
- Os estudantes devem compreender com clareza a finalidade da saída de campo, pois não se trata de um simples passeio para ver e ouvir a fala do professor. Atividades devem ser dirigidas por você de maneira que eles interajam com o patrimônio durante o percurso e desenvolvam as habilidades cognitivas ensinadas. Aqui sugerimos algumas, e você pode adaptar como preferir;
- Hoje, muitos estudantes têm smartphones. Peça para que eles produzam fotografias durante a saída de campo, registrando também por escrito o que foi retratado, a data, o autor e outros detalhes. Os temas a serem retratados podem ser inúmeros: detalhes arquitetônicos, o patrimônio e seu entorno, diferentes pontos de vista, comparações de suas fotos com imagens antigas, enfim, o professor tem autonomia para decidir, levando sempre em conta a faixa etária dos estudantes. Posteriormente, em sala de aula, eles podem trocar ideias sobre suas produções e montar uma exposição;
- Convide-os a observar com cuidado não apenas os imóveis que compõem o percurso, mas também o espaço ao redor deles, bem como as outras edificações próximas;

- Você pode lançar questões para ajudá-los a refletir. Por exemplo:
1. Quais desses edifícios foram lembrados em sala de aula?
 2. Quais são antigos e quais são modernos?
 3. Por que alguns edifícios modernos imitam a arquitetura dos prédios antigos?
 4. Os edifícios antigos estão descaracterizados?
 5. Por que será que isso aconteceu?
 6. Olhando esse prédio, você consegue saber algo sobre as pessoas que viveram nele, ou para que ele foi construído?
 7. Como está a conservação desses espaços?

Ficha de identificação dos edifícios

Fonte: Horta, Grunberg e Monteiro, 2009, p. 31

Mapa do percurso



- A** Museu Municipal
- B** Château d'Eau
- C** Catedral Nossa Senhora da Conceição
- D** Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul
- E** Casa da Aldeia
- F** Praça Itororó
- G** Cemitério das Irmandades
- H** Primeiro prédio do HCB



Elaborado com o site Google Maps
<http://maps.google.com>



Trajetos totais: 1 quilômetro

SUGESTÕES MULTIMÍDIAS

Para que você, professora ou professor, possa se aprofundar em alguns dos assuntos abordados nesse material, deixamos abaixo uma lista com algumas sugestões de fontes variadas que podem auxiliar na preparação de aulas e de atividades como as que nós propusemos. Esta compilação foi concluída em setembro de 2026, e as referências relativas à internet estão sujeitas a alterações.

CACHOEIRA DO SUL

→ LIVROS

- ECKERT, K. B. **Quando florescem os arrozais...**: história da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Cachoeira do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- MOREIRA, P. R. S. et al. **A Morte do Comendador**: Eleições, crimes políticos e honra (Antonio Vicente da Fontoura, Cachoeira, RS, 1860). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.
- MUSEU MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL. **Dicionário bibliográfico cachoeirense**: natos e adotivos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2006.
- SCHUH, A. S.; CARLOS, I. M. S. **Cachoeira do Sul**: em busca de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- SCHUH, A. S.; RITZEL, M. R. M. **Cachoeira do Sul**: Princesa do Jacuí. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

→ SITES

- **Museu Municipal** - <https://visite.museus.gov.br/instituicoes/museu-municipal-edyr-lima/>
- **Arquivo Histórico Municipal** - <http://arquivohistoricodecachoeiradosul.blogspot.com>
- **Prefeitura Municipal** - <http://www.cachoeiradosul.rs.gov.br>
- **Blog História de Cachoeira do Sul** - <http://historiadecachoeiradosul.blogspot.com>
- **Associação de Amigos da Fazenda da Tafona** - <http://fazendadatafona.wordpress.com>
- **Jornal do Povo** - <http://www.jornaldopovo.com.br>

→ VÍDEOS

- **Coisas de Cachoeira do Sul.** Disponível em: https://youtu.be/BTLttM_ulaw
- **Cachoeira do Sul.** Disponível em: <https://youtu.be/Rqv1l-JHnNE>
- **Documentário Cachoeira do Sul 200.** Disponível em: <https://youtu.be/KlwSf4WSReE>
- **Especial: O comerciante mais antigo de Cachoeira do Sul.** Disponível em: https://youtu.be/QB3BaLDU_nM
- **Cachoeira do Sul - Anos 30 - Cachoeira Tem.** Disponível em: <https://youtu.be/CmyaTfCgqA4>
- **Cachoeira do Sul - 200 anos #belaguesóela (documentário).** Disponível em: <https://youtu.be/ACeFNvG-9LQ?si=KvftH8IzLM9RYr0n>
- **Um ícone da paisagem cachoeirense.** Disponível em: <https://youtu.be/pt-O8f1UIN0?si=22hITsyEDN1x88rm>

PATRIMÔNIO E ENSINO DE HISTÓRIA

→ LIVROS

- BORIN, M. R.; JOSÉ, V. A. S. **Educação Patrimonial: ações educativas.** Tubarão: Copiart, 2016.
- GRUNBERG, E. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN, 2007.
- HORTA, M. L. P. et al. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- LACERDA, A. D. et al. **Patrimônio Cultural em Oficinas: Atividades em contextos escolares.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- PACHECO, R. A. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente.** Jundiaí: Paco, 2017.

→ VÍDEOS

- **Qual é a Nossa História? Sobre Patrimônio Cultural, Jogos e Educação.** Disponível em: <https://youtu.be/euzYy6QkvCc>
- **O que é patrimônio cultural e natural?** Disponível em: <https://youtu.be/10oTblenVQ4>
- **Diálogo sem fronteira - Educação patrimonial parte 1.** Disponível em: https://youtu.be/_LptdGYgV5s
- **Documentário Educação Patrimonial: cidadania, diversidade e direitos humanos.** Disponível em: <https://youtu.be/ky9-qfL2xg>

→ SITES

- **IPHAN** - <http://portal.iphan.gov.br>
- **IPHAÉ** - <http://www.iphae.rs.gov.br>
- **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular** - <http://www.cnfcp.gov.br>
- **Projeto Educação Patrimonial** - <http://www.educacaopatrimonial.com.br>
- **Laboratório de Ensino de História da UFPEL** - <https://wp.ufpel.edu.br/leh/recursos-didaticos/>

→ JOGOS

- **As Viagens do Tambor** - jogo pedagógico. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185379>
- **Plano de aula - Jogo de Identificação "Descobrimo o Patrimônio Cultural"**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5ano/historia/jogo-de-identificacao-descobrimo-o-patrimonio-cultural/5830>
- **Jogos sobre patrimônio e memória do Espírito Santo**. Disponível em: <https://www.coletivoquadroaquadro.com.br/jogos>
- **Jogo de tabuleiros sobre patrimônio cultural mineiro**. Disponível em: <https://appa.art.br/jogo-educativo/>

PROFHISTÓRIA

Este livro foi adaptado a partir de uma dissertação defendida junto ao ProfHistória em 2020, um programa de Mestrado e Doutorado Profissionais em Ensino de História oferecido em rede nacional por 39 universidades brasileiras. Existe vasta produção de materiais elaborados e defendidos por professores mestres em Ensino de História de todo o Brasil. Mais informações estão disponíveis no portal oficial do programa:

[HTTPS://SITE.PROFHISTORIA.COM.BR/](https://site.profhistoria.com.br/)

